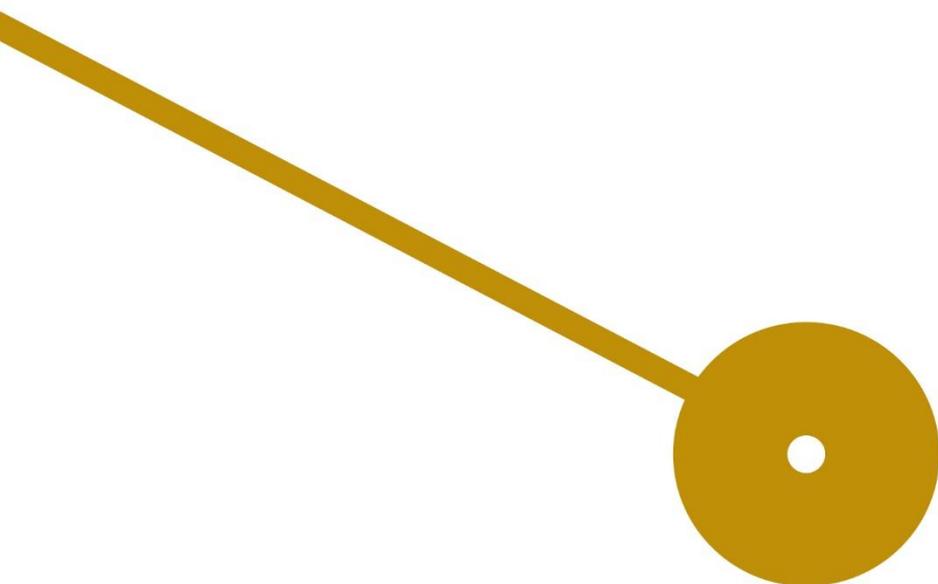




O corpo dentro do corpo está

Fábio André Galvão Alves

06/2023





MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

O corpo dentro do corpo está

Fábio André Galvão Alves

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística

Professores Orientadores
Claire Margaret Binyon
Nuno Miguel Santos Meireles

06/2023

Este trabalho é de todos, sobre todos, para todos.

Este trabalho é dedicado a todas as cordas invisíveis que nos unem. Aquelas cordas que se criam, que se sentem, que se apertam, que nos apertam. As cordas que se enrolam ao pescoço, que nos penduram, que nos soltam numa roda giratória. As cordas que nos fazem sentir os outros corpos. Este trabalho é dedicado a quem tem medo, ainda. A quem sempre terá medo. Ao corpo do medo. Ao corpo da coragem. Ao corpo que guarda o medo e a coragem. Ao corpo que se deixa sentir. Ao corpo que se liberta. Ao que corpo que se transforma. Ao corpo que é consciente da sua vulnerabilidade. Ao corpo que pensa não saber dançar, mas dança. Ao corpo que luta para se desbloquear, que luta para se valorizar, entregue ao amor. Dedico este trabalho a quem o quiser experimentar.

Dedico este trabalho a quem estiver num começo, a quem tiver a plena consciência de que todas as vezes são começos, recomeços. Estamos todos num começo, recomeço, não estamos? Dedico a quem precisar de gritar. A quem precisar de se provar a si mesmo que, também é capaz. Que os teus dedos também são dedos, que os teus olhos também são olhos, que as tuas palavras também são palavras.

Dedico este trabalho ao amor. Àquele que está em todo o lado, representado de infinitas formas, com infinitos corpos, de infinitas vozes e gestos e sabores e calores.

Dedico este trabalho a uma espécie de informalidade. Dedico-o à simplicidade, à sinceridade.

À vida, talvez.

ESMAE
ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Agradecimentos

Tenho sempre uma necessidade estranha de me render às sensibilidades. Xavier foi, passou, passou-se, passou-nos. Deu uma meia volta e caiu-nos aos pés. Caiu bem, caiu forte, caiu leve, caiu feliz.

O teatro é meio que esta união de tudo, não é? Corpos que vêm de longe, corpos que se sentam, corpos que se vêm, corpos que se fazem. Há uma energia que roda, na roda, em roda. Eu sinto-me sempre em casa. No segundo antes de se abrirem as portas, peço sempre que não seja a última vez. Agradeço sempre por esse momento.

Agradeço ao Paulo Gonçalves, à Ana Galvão Santos, por terem acreditado comigo, mais do que eu, por vezes. Pela disponibilidade, entusiasmo e vontade. Por estarem e serem presentes. O que se sente na sala de porta fechada, só se sente, não o quero escrever.

Obrigado Maïke Obrecht pela disponibilidade em participar neste exercício, na tua língua nativa. Por teres a coragem de partilhar em voz, sendo entendida, maioritariamente, pela presença.

Obrigado Fábio Rocha, pelas caminhadas que fizeste, pela cedência da luz central.

Jorge César Galvão, obrigado pelo som, pela intensidade, por este entendimento de vibrações.

Obrigado aos meus orientadores Nuno Meireles e Claire Binyon, por terem tirado do vosso tempo o espaço para me acompanharem, esclarecerem, aberto portas inspiracionais, pelas palavras, pelas críticas construtivas, pelo entendimento, e acima de tudo, por acreditarem.

Obrigado por terem viajado no meu barco. No nosso barco.

Obrigado mãe e irmão por terem vindo de longe só para me encontrar.

Obrigado a todos os que ocuparam aquelas cadeiras, aquelas cadeiras que são vossas.

Obrigado Xavier, por me dares a força para ser forte o suficiente para acreditar. Por me mostrares caminhos e liberdades. Por seres inspiração, por seres amor.

Agradeço todos os abraços.

ESMAE
ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Resumo

Este exercício transporta-nos para um ciclo de relações interpessoais. É fragmentado e pessoal. É uma nuvem de pensamentos e reflexões sobre esta corda energética que nos liga. Xavier é o nome das personagens e do público. Xavier representa o presente e o que já desvaneceu. Xavier representa o impacto de sermos uma metamorfose ambulante.

É um exercício que nos transporta para uma descoberta de novas sensações e formas de lidar com elas, é a representação desta viagem cíclica entre nós e os outros.

Palavras-chave

Exaustão; Interpessoal; Ciclo; Repetições; Pensamentos; Corpo.

Abstract

This exercise transports us to a cycle of interpersonal relationships. It's fragmented and personal. It is a cloud of thoughts and reflections on this energetic string that connects us. Xavier is the name of the characters and the audience. Xavier represents the present and what has already faded. Xavier represents the impact of being a walking metamorphosis.

It is an exercise that transports us to a discovery of new sensations and ways of dealing with them, it is the representation of this cyclical journey between us and others.

Keywords

Exhaustion; Interpersonal; Cycle; Repetitions; Thoughts; Body.

Índice

1. Perspetivas do observador na base (Pág.5)

.....

2. Perspetivas do observador na matéria (Pág.10)

.....

3. Perspetivas dos observadores | A colisão (Pág. 18)

.....

Bibliografia (Pág.19)

.....

Anexos (Pág.21)

Introdução

“(…) o teatro deve empenhar-se, por todos os meios, em pôr em causa não só os aspetos do mundo objetivo e descritivo externo, mas do mundo interno (…)” *O Teatro e o Seu Duplo*, Antonin Artaud, (p.113).

A base deste exercício surge na procura de uma exaustão. Corpos que a experimentam. Procurei definir que tipo de exaustão me interessava representar, tendo em conta de que é uma palavra que reúne inúmeras possíveis abordagens. A primeira pergunta que me ocorreu, sobre a exaustão foi: Onde é que eu consigo encontrar a exaustão no meu quotidiano? Como tentativa de responder a esta pergunta, analisei os meus dias e procurei estudar a sociologia, filosofia, com o objetivo de que esta complementasse a minha pesquisa pessoal. Com base no livro *A Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, que nos transporta para um estudo da sociedade moderna, e o seu estado coletivo, retirei alguns excertos que me aliciaram, tais como: “Defender o Eu da negatividade do outro” (p. 9); “Distinção entre interior e exterior” (idem); “A alteridade é a categoria fundamental da imunologia.” (p. 11); “A violência da positividade não é privativa mas saturativa, não é exclusiva mas exaustiva.” (p. 17); “A depressão (...) é, em primeira análise, um estar cansado de fazer e de poder.” (p. 22); “Os mais recentes progressos da nossa sociedade e mudança estrutural da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem.” (p.26); “(...) o homem se tenha sentido tão entediado ao andar que esse ataque de tédio o tenha levado a transformar o passo de corrida em passo de dança.” (p. 27); “Não é a vida ativa, mas sim a contemplativa, que transforma o homem naquilo que ele deve ser.” (p. 37); “A fúria, em contrapartida, questiona todo o presente, pois pressupõe uma paragem ou interrupção no tempo presente.” (p. 41)

“Aquela exaustão absoluta do Eu que conduz ao cansaço depressivo do Eu.” (p. 47); “(...) Capaz de diluir a fronteira entre o que existiu e o que não existiu, entre o Ser e o Nada.” (p.49).

Este livro despertou-me várias possibilidades cénicas, tanto para um estado mental como físico. O excesso de positividade, a hipertensão presente na sociedade de hoje, o Eu em constante produção, que acaba por se frustrar, aniquilar e submeter às doenças, foram pontos fulcrais na minha pesquisa sobre o que é e, onde está a exaustão dos dias.

Amor Líquido, Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos, de Zygmunt Bauman, que estuda a mutação das relações enquanto sociedade moderna, foi um aliado a esta pesquisa. Passo a citar alguns excertos que me fizeram sentido para o exercício: “Assim, não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer.” (p. 19); “O que é mortal para os ratos dos esgotos urbanos – aquelas criaturas inteligentíssimas capazes de aprender rapidamente a distinguir comidas de iscas venenosas – é o elemento de instabilidade, de desafio às regras, inserido na rede de calhas e condutas subterrâneas pela «alteridade» irregular, inapreensível, imprevisível e verdadeiramente impenetrável de outras criaturas inteligentes – os seres humanos (...)”. (p. 22); “Amar significa abrir-se ao destino, à mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde com o regozijo numa amálgama irreversível.” (p.23); “Amar é contribuir para o mundo, sendo cada contribuição o traço vivo do eu que ama.” (p.26); “A resposta é dada por uma pessoa inevitavelmente diferente daquela a quem foi feita a pergunta e é dada a alguém que mudou desde que perguntou.” (p.37); “Do encontro dos sexos nasceu a cultura”. (p. 59); “Nenhuma união de corpos pode, por mais que se tente, escapar à moldura social e cortar todas as conexões com outras facetas da existência social.” (p. 73); “(...) é absolutamente improvável chegar ao fim do seu catálogo portátil ou digitar todas as mensagens possíveis. Há sempre mais conexões para seres usadas (...)” (p. 83); “A derradeira sanção do poder soberano moderno resultou no direito de exclusão da humanidade.” (p. 157); “A inclusão, se for oferecida, deve ser precedida de uma exclusão radical.” (p. 160); “(...) «quem determina um valor fixa sempre, *eo ipso*, um não valor.” (p.161).

Para complementar a última parte do livro *Amor Líquido*, inclinei-me sobre o livro *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, que também estuda o ato de receber o outro, de ser o outro. Passo a citar alguns dos excertos que me foram importantes: “(...) como poderia realmente o pensamento pretender apreender o outro, o absolutamente outro, sem espanto?” (p. 13); “(...) «Trata-se de perguntar o que se passa na morte do estrangeiro quando ele repousa em terra estrangeira; sabeis que os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nómadas têm em comum dois suspiros, duas nostalgias, os seus mortos e a sua língua...».” (p. 23); “(...) o estrangeiro que, inábil a falar a língua, corre sempre o risco

de ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; (...) Este impõe-lhe a tradução na sua própria língua – e é a primeira violência. (...) deveremos nós pedir ao estrangeiro para nos compreender, para falar a nossa língua, em todos os sentidos deste termo, em todas as suas extensões possíveis, antes e a fim de o poder acolher em nossa casa (...)” (p. 35); “Consiste a hospitalidade em interrogar o chegante (...) Ou começa a hospitalidade pelo acolhimento sem pergunta, (...) É mais justo e mais amável perguntar, ou não perguntar?” (p. 40);

“A dita língua materna, não seria ela uma espécie de segunda pele que carregamos em cima de nós, uma casa móvel? Mas também uma casa inamovível, uma vez que se desloca conosco?” (p. 64).

Este foi o início da pesquisa, todos estes elos continuaram comigo, e foram acrescentando perspectivas ao meu cotidiano, à minha própria relação com os outros, e ao exercício em fase de construção. O exercício desenrolou para um lado extremamente pessoal e íntimo, no que toca às relações com o Eu e o outro, na minha trajetória enquanto ser humano. Com todos os caminhos possíveis abertos, explorei as memórias de alguém, o preconceito, os corpos vivos e a sua diversidade, as diferentes abordagens dessa mesma diversidade, a minha própria estranheza e conexão com o exterior, as vindas e idas dessas conexões e todas as emoções que somos, ou neste caso, fui capaz de experimentar. Este exercício foi uma reflexão sobre como nos relacionamos, o que achamos saber, as respostas que não conseguimos encontrar e, sem sombra de dúvida, o amor – em várias formas e momentos.

Expressei o meu interior em poemas, que não seguiam uma linha lógica nem se preocupavam em ser gramaticamente corretos e/ou formais. Desses poemas, seguros com a minha pesquisa e intenção do que gostaria de representar, surgiram experimentos de emoções, de movimentações, de libertações artísticas. Criou-se no íntimo, explorou-se no íntimo e traduziu-se, a meu ver, num exercício íntimo, onde foi abordado o tema de relações interpessoais. Um corpo dentro de um corpo está, é um exercício que nos transporta para várias realidades momentâneas do que é viver, obrigatoriamente, todos os dias, e sentir, obrigatoriamente também, todos os dias. É ter a consciência desse ciclo, do que se sente, onde se sente, por quem se sente, onde isso nos pode levar e que caminhos poderemos

descobrir, tanto sobre nós como sobre os outros. É a consciência da improvisação nas emoções aquando do inesperado. A improvisação de reações, de movimentações, quando recebemos emoções novas, quando nos sentimos pioneiros de um momento, em nós, sobre nós, com os outros, sobre os outros.

É um ciclo infinito a que estamos condenados.

“(…) tornar o teatro uma função, na própria acepção da palavra – algo tão localizado e preciso como a circulação do sangue nas artérias ou como o desenvolvimento aparentemente caótico das imagens do sonho no cérebro (…)” *O Teatro e o Seu Duplo*, Antonin Artaud, (p. 112)

Perspetivas do observador na base

O Workshop

Participei na Masterclass/Workshop III, conduzido pelo professor Dodo Gombar, organizado pela professora Claire Binyon e pelo professor Rodrigo Malvar, com o tema *Hamlet Now*, no âmbito da unidade curricular que ambos lecionam com a turma de 3º ano de Licenciatura da ESMAE. A Masterclass/Workshop III iniciou no dia 22 de fevereiro e terminou dia 3 de março de 2023.

O workshop tinha como base teórica e ferramenta de trabalho a peça *Hamlet*, de Shakespeare, podendo ser desconstruída e modificada dependendo da visão e perspectiva de cada um sobre a peça a ser trabalhada.

"Our base will be always Hamlet, this story and cobweb of relationships - on these grounds, we will build a new shape.

It is the shape which we live... how the 420-year-old text can touch our lives, how can we discover the message which impacts our everyday life." - Dodo Gombar

A minha participação no workshop permitiu-me desvendar o tipo de exaustão que eu procurava. Permitiu-me estar sozinho, a meio de corpos desconhecidos e ouvir-lhes as entranhas, fossem elas verdadeiras, ou não.

Estar no meio, ser o desconhecido, serem-me eles os desconhecidos, fez-me recomeçar. Fez-me querer desbloquear. Estive atento a cada pormenor, a cada corpo, a cada conexão que se cria no silêncio, acolhi as histórias que se contaram e, unindo as histórias deles às minhas, entendi que somos, sem sombra de dúvida, escravos de nós e dos outros. Escravos neste sentido de que nunca seremos capazes de não sentir o outro, e se lhe tentarmos fugir cairemos em nós, e cairemos demasiado fundo que precisaremos que eles, ou um deles, nos tire de nós por um determinado tempo, ou isso, ou a morte. Somos nossos, mas somos dos outros, sentimos os outros, o impacto deles em nós, o que eles querem de nós, o que eles nos dizem, nos fazem, nos chamam, como eles nos olham, nos passam, nos abraçam. O impacto de um desconhecido que transforma uma dinâmica de grupo. A dinâmica de um grupo que impacta o íntimo de um desconhecido.

Esse desconhecido fui eu. Esses desconhecidos foram eles.

A primeira interação que tivemos com o professor Dodo, foi uma breve pergunta que ele nos fez, sentados numa roda: "Say your name and something about you that you want me to know".

Todos, incluindo eu, dissemos o nome e idade, em que especialização estávamos, ou a que turma/ano pertencíamos e claro, que estávamos contentes por estarmos a participar.

Apontei vários pensamentos sobre as nossas respostas, atrevo-me a dizer, fúteis, conduzidas pela vergonha, pelo medo de não saber o que é certo dizer:

Sabes Dodo, gostaria de te contar o porquê de eu estar aqui, para além do óbvio, sem que saibas a minha idade, o meu nome. O que eu gostaria, sinceramente, que soubesses, é que este workshop apareceu numa altura da minha vida em que eu não tinha grandes esperanças na minha elasticidade artística, em que me perdi por completo nas ruas a caminho de casa. Achava que estava condenado ao mesmo que os outros como eu, aqueles que dormem com o impostor. Eu achei-me aí, bem colocado. Arranjei o meu canto nessa espiral da morte. No entanto, na minha vida começaram a aparecer caminhos, bem antes de eu entrar nesta sala, e pessoas nesses caminhos que me obrigaram a fazer um desvio. Eu sinto demasiado, daí ser-me difícil estes tratos estritamente académicos, tem de haver sentidos, pois foi através dos sentidos que cheguei aqui. E como te falava, Dodo, estas pessoas que me desviaram e desviam trazem-me furacões. Não vês que os meus braços são as pernas e que tenho a cabeça pendurada nos joelhos? Estar aqui é uma tentativa a esta pesquisa, e principalmente, é poder dar-me novamente a oportunidade de deixar nestas tábuas, nestes pés descalços, todos estes furacões, que eu só sei expressar desta forma. Por estas formas que só acontecem aqui. Por estas formas que o nosso íntimo, para quem sente, nos obriga a fazer. É Dodo, não te contei nada, mas queria que soubesses isto. Pergunto-me por que não te contei, a ti e aos outros. Se calhar não seria importante, mas, e se fosse?

O círculo:

O círculo foi a forma mais presente durante a semana do workshop, principalmente nos exercícios iniciais, onde tínhamos como objetivo somar confianças entre o grupo.

Em círculo contamos. Em círculo contamos, com ritmos, sem nunca repetir o mesmo número. Em círculo escolhemos pares, acidentalmente. Em círculos encontramos o outro, lá no meio. Em círculos trocamos de cadeiras. Em círculo repetimos as posições dos outros que ocupavam a cadeira que agora ocupamos nós. Em círculo seguramos um balão imaginário, cheio de ar, até ao centro do círculo. Nesse círculo pequenino batemos com as cabeças. Em círculo dançamos. E enquanto dançávamos eu olhei o círculo e senti-me feliz, de os ver dançar, de me ver dançar. Em círculo dissemos adeus.

O círculo. O ciclo. Os outros, nós e os outros.

O círculo traz esta ideia de que pertencemos todos à mesma linha porque, se um se desvia da linha já não é mais um círculo, já é outra coisa. O círculo traz esta sensação de visão ampla, uma percepção aberta. Um fácil contacto com o outro, um fácil encontro com o outro. O círculo não te deixa de fora. O círculo transporta um grupo para a ideia de união. Demos as mãos. Uma energia que roda, pelas mãos, nas mãos uns dos outros. É raro estar em círculo e não dar as mãos, não é?

Considero meio que um pensamento mecanizado que um círculo de mãos dadas é também um círculo de partilha, um momento de conforto entre pessoas que se olham sem dificuldade, que se encontram no grupo sem dificuldade, que nenhuma se chega demasiado à frente nem demasiado atrás, daí continuarmos em círculo. E sendo um círculo de conforto é também um círculo de vulnerabilidades, um círculo

inteiro, inclusivo, dramático. O círculo acolhe, e dá uma sensação de que protege quem assume o centro, será? Será que sacrifica quem vai ao centro? O centro do círculo é protegido pelos restantes?

As cadeiras:

Nos exercícios estávamos muitas vezes sentados em cadeiras, no círculo.

Trocávamos de cadeiras com o outro - aleatoriamente o olhar arregalava, o pulso acelerava e sabíamos que era hora de trocar de cadeira.

Há particularmente dois exercícios que envolveram a utilização das cadeiras que tiveram grande impacto na criação do meu exercício final:

A cadeira como relaxamento - 4 posições, uma caminhada para uma espécie de transe. Posição um, a cadeira na minha frente, seguro a cadeira com as mãos.

Posição dois, entornar a cadeira para o lado, deitá-la no chão. Posição três, virar a cadeira no chão. Posição quatro, levantar a cadeira e girá-la de novo para a primeira posição.

Quando iniciamos este exercício de relaxamento, com a intenção de posteriormente nos livrarmos das cadeiras e deixar que as posições guiassem apenas a uma liberdade corporal, perguntei-me: "Quem está sentado nesta cadeira?"

Imaginei que seria eu. Precisava de ser eu, naquele momento. Primeira posição, segurar o Fábio sentado. Segunda posição, deitar o Fábio que continua sentado. Terceira posição, virar o Fábio sentado para mim, reconhecê-lo. Quarta posição, levantar o Fábio sentado e deixar que ele se confronte com o início.

Escrevi um poema inspirado neste exercício:

Respirar fundo,
Pensar
Pensar
Respirar fundo
Refletir
Sentir os pés
Sentir as pernas
Olhar as mãos
Sentir
Sentir o que pensei
Tentar não pensar
Respirar muito lá no fundo
Sentir os pés
Sentir as pernas
Respirar
Repetir

Este exercício, em *loop*, fez-me olhar para mim como se olhasse para uma espécie de eu-outro. Eu sendo o outro, sentado naquela cadeira, a ocupar diferentes posições que poderiam carregar diferentes sentimentos, e ser eu, quem me

modificava. Podemos chamar-lhe uma certa dinâmica natural de estar vivo, de viver. Ser eu quem me entornava, deitava e levantava, naquela transparência. Enquanto este exercício continuava pensava em como aquela era uma ótima representação da vida, do ciclo das relações, do ciclo interpessoal a que o nosso corpo se expõe. Se não for eu naquela cadeira serás tu. Seremos todos, somos todos, naquela cadeira.

A cadeira como confessor

Desta vez, sem círculo. Uma cadeira vazia no centro de corpos que deambulam pelo espaço. Vai sendo ocupada, e quando um corpo a ocupa, os outros remetem-se à imobilidade e escutam a história, com passe livre para perguntas, para interrupções, até que o corpo que conta a história não se sinta mais confortável em continuar. Abandona o lugar que será ocupado por outro corpo, sem sabermos ao certo, por qual. A intensidade dos deambulantes aumenta, as perguntas aumentam a intensidade, as próprias perguntas aumentam e criam uma exaustão para quem tenta contar a história. O corpo quer contar uma história, mas os outros não permitem, interrompem, aproximam-se, confrontam. Há uma agressividade, há uma vontade exagerada em continuar a interromper, em incomodar, em perturbar a história. Será que, se fosse eu a contar a história, essa vontade de incomodar, interromper, perturbar, diminuiria, por eu ocupar o lugar de desconhecido? Achei cansativo não poder chegar ao final da história. Será que eles gostariam de ouvir o final da história?

As histórias foram todas sobre os outros. Sobre a posição dele ou dela, dentro dos outros, o impacto dos outros sobre ele ou ela.

Dodo abriu uma proposta para que as histórias significassem o que é Hamlet hoje. Onde podemos encontrar Hamlet, hoje, nas nossas vidas?

A história sobre uma mãe doente, sobre uma família disfuncional, sobre a infelicidade de um amigo, sobre a morte de um desconhecido. Os outros, nós e os outros, nós com os outros, nós como os outros.

Eu poderia ocupar aquela cadeira durante todas aquelas horas do workshop, poderia ficar sentado naquela cadeira, durante as noites, a contar histórias reais sobre todas as pessoas que eu conheço. Poderia ocupar todas as horas a contar histórias que me impactaram sobre os desconhecidos que foram mortos, que se casaram, que se vingaram, que ficaram loucos. Poderia introduzir opiniões minhas, opiniões dos outros, poderia chorar com as histórias, rir com as histórias, poderia apaixonar-me por alguém de uma história que eu inventei, sobre alguém que não existiu.

O mais comum, atrevo-me a dizer, é contar histórias que nos impactam, histórias nossas onde sofremos com os outros, onde os outros sofreram conosco. Mesmo que não sejam verdadeiras para quem as conta, são verdadeiras para quem as ouve. Nunca soube qual deles, se algum deles, disse a verdade. Para mim, todas foram verdadeiras. Todas tinham o potencial da verdade, todas pertenciam a uma realidade presente e possível para mim. Todas elas eram sobre o eu e o outro, o outro comigo, o outro sem mim, o impacto do outro, onde eu surgi no outro, quando

eu fugi do outro que precisava de mim, como eu posso lidar com o outro, como os outros lidam com os outros, como os outros lidam comigo.

Eu e o outro, eu como o outro. E fora das histórias, estão os outros que as recebem, que as questionam, que as interrompem. O poder dos outros sobre as nossas histórias, o poder dos outros de reprimirem as histórias, de abraçarem as histórias, de se identificarem com as histórias, de cansarem a tentativa de contar uma história. De fazerem com que a história acabe, sem um fim. Particularmente, incomodou-me imenso nunca saber o final das histórias.

E a tua mãe, está melhor?

E o teu amigo, por onde anda, hoje?

E tu, como te sentes em relação a isso?

Estás bem, agora?

Queria-lhes perguntar, queria saber, mesmo que me inventassem respostas, deem-me um final. Fascinei-me por este desconforto de saber as coisas pela metade. Andava pelos caminhos até casa, desviado pelas pessoas que encontrei nesse caminho, como já disse anteriormente, nessa busca de tentar entender tudo. Andava em busca dos pormenores, e de perceber por inteiro os pormenores que esses pormenores microscópios tinham e têm. Andava com a vontade de despir todas as camadas a tudo, de tudo, de todos. Quero entender tudo. Voltarei até entender, até me entender também.

Nesse exercício, cenicamente falando, incomodou-me e interessou-me eu só saber um pouco de cada um. Queria saber mais, queria afundar-me nos pormenores das histórias, mas não me deram esse poder, então eu pude imaginar. Fantasiar.

“Fantasy love is much better than reality love. Never doing it is very exciting.” Andy Wahrol, Fame, (p. 4)

Procurei, para o meu exercício final, transportar esta ideia do abstrato, de não ser tudo abruptamente exposto, que não segue uma linha lógica de uma história com um início e um fim.

Momentos de possibilidades abertas a quem os recebe, foi o que procurei introduzir.

Perspectiva do observador na matéria

O texto

Escrevi uma coletânea de poemas soltos, poemas que exprimem emoções momentâneas, experiências emocionais, novas. Poemas que descrevem um estado de espírito, um estado de experiências interpessoais quotidianas, um estado da vida. Uma fase da vida, se assim lhe quisermos chamar. Poemas que tentam traduzir sentimentos, revoluções internas. Poemas não romantizados, poemas ilustrados, poemas que seguem a linha do pensamento e não a linha do bem dizer, poemas que servem como fonte de mensagem entre o eu e o outro. Escrevi poemas como se fossem cartas a enviar, que nunca seriam enviadas. Poemas que deixavam o silêncio preenchido. Poemas oriundos de uma necessidade de expressão, que não fosse a do diálogo.

Estes poemas iniciais foram escritos sem intenção de pertencerem a este exercício. Agarrei-os e limpei-os, querendo valorizar também os meus momentos, a minha forma de expressão e a minha escrita.

Felizmente, encontrei no meu estado de vida a inspiração necessária para que pudesse continuar a desenvolver a escrita neste sentido. Recolhi todos os poemas que havia escrito durante esta temporada e continuei a escrever durante o processo. Cada novo poema abria uma nova possibilidade para o exercício, abria uma espécie de mutação nos corpos.

Não senti a necessidade de incluir todos os pormenores onde se caracterizam as dúvidas, a matéria que cria a dúvida, usando as brechas do silêncio como algo que ainda está incerto, por descobrir, dentro de possibilidades, cheio de possibilidades. Escrevo em versos informais, pretendo calcar a sinceridade e a minha verdade momentânea. Não respeito as normas da pontuação porque não há tempo ou fluidez de pensamento que me permita obedecer a tantas coisas que não me interessam. Os pensamentos correm e têm pressa, e o poema não tem tempo a perder, isto é, se quiser ser escrito:

“Yes, I write for others like me. Other who don’t fit, have never fitted. Who realise there’s nothing to be gained from even trying to fit, and eventually have just had to find their own way through. (...) People who share my beliefs and people who find them fucking ridiculous. Everyone. All the time. No matter what.” – Kae Tempest, *On Connection* (p. 9)

Xavier

O nome Xavier surgiu como uma linha condutora ao receptor. Inconscientemente, senti a necessidade de utilizar um nome, talvez numa necessidade de viver esta ilusão de que há um receptor físico, de alguém que lê as minhas cartas não enviadas. Xavier é o espaço seguro, o corpo invisível, o ouvido atento, aos meus

desabafos.

Xavier foi um nome escolhido aleatoriamente. Não existe qualquer significado cênico no nome, nenhum código, nenhuma mensagem, até porque Xavier nasceu sem saber que iria pertencer a este lugar.

Xavier é cigano. Passo a explicar a coincidência que me levou a sentir profundamente este momento:

Existe alguém que vagueia pelas ruas do Porto que é cigano, e foi para esse corpo que comecei a escrever os primeiros poemas. Aquando numa conversa de café, falávamos das questões de preconceito que existe contra a comunidade cigana. Relembrei um momento da minha infância, em que numa visita de estudo à qual eu não pertencia diretamente (estava somente a acompanhar a minha mãe), existiu um Xavier, cigano, a quem ninguém quis dar a mão. Eu dei. Viajamos em silêncio pelos sítios, sem nunca largar as mãos. Como se nos abrigássemos, como se este sentimento de não pertença se aliasse nos nossos dedos e ganhasse uma força muito maior. Eu tinha 8 anos, não me lembro da idade dele, sei que era mais velho. Não me lembro ao certo da imagem do Xavier, e nunca mais me lembrei deste momento até esse momento.

Fez-me refletir sobre estas memórias que o tempo vai desvanecendo, que fazem também parte das nossas relações interpessoais. Estes momentos fugazes que decoram o nosso lugar de esquecimento e que, vão aparecendo em forma de coincidências. Esta foi, e torna a ser também, uma relação interpessoal. A etnia do Xavier abre-me também caminhos cênicos para que possamos abordar a violência a que estes corpos são, ainda, sujeitos. Etnia, sexualidade, identidade.

Desta forma, Xavier expande e habita também um novo corpo. Comecei a escavar aquela memória perdida, agora encontrada, inventei-lhe e fantasiei sobre esse Xavier, escrevendo-lhe cartas, e juntando o Xavier que não se chama Xavier, ao Xavier que existiu e já não existe, em mim.

“When I write characters, I am always trying to pull out the tension that exists between their interior lives – their small exchanges, private hopes and intimate relationships – and their exterior lives – the impossible largeness of the environment they exist in, and the day-by-day reality of what they have to do to get by.” Kae Tempest, *On Connection*, (p. 53).

“(...) o homem, as suas ideias sobre a realidade, e a sua situação poética na realidade.” Antonin Artaud, *O Teatro e o Seu Duplo*, (p. 113).

Mãe

Há sentimentos e sensações de vulnerabilidade e desorientação nos poemas, que me fizeram alargar Xavier para outra presença: a mãe. A mãe surge, baseado na minha própria vivência e relação com a minha mãe, como um chamamento. A mãe como suporte aos sentimentos de inocência, de vulnerabilidade. Penso neste nome, nesta presença, como um curandeiro, que sabe afastar as dores, que consola as mágoas, que segura o corpo morto, caído. Uns têm deuses, outros têm mães.

Há lugares nos poemas que me transportam para o corpo de uma criança pequena, que ainda não sabe bem por onde correr segura, que ainda não percebe todas as palavras. Há a confusão de um iniciante, como se iniciássemos uma outra vida, uma outra fase, uma outra realidade. Conhecer algo ainda desconhecido. Perguntava-me se não voltamos a ser crianças, nesses momentos, mas sem a capacidade física para o ser. A vida atingiu um patamar diferente, as obrigações que têm de ser cumpridas, a busca ao dinheiro para que sejamos pessoas sem fome, os dias sem pausas, alguns de vós filhos - pais. Já não temos corpo para colo, e já não nos permitem ser filhos pequenos.

Dito isto, a mãe não chega a aparecer, mas não deixa, por isso, de continuar a ser um porto de abrigo para os pensamentos e estados de maior vulnerabilidade. A meio do meu processo de escrita, deparei-me com o livro *Fósforo*, de Ana Pessoa, que me conduziu a esta ideia do que é ser-se A mãe. A escrita é em verso, tal como os poemas que eu escrevi, e conduz-nos entre a felicidade e a violência. Eu, enquanto filho, Ana Pessoa, enquanto mãe. Entornou-me numa outra perspectiva, que não mudou a minha, porque acredito que não seja exatamente possível, mas, que se complementou de uma forma furiosamente equilibrada com este estado de vulnerabilidade, pelo que vejo, partilhada:

“(...) e eu continuo sem saber grande coisa sobre
este menino peixe miúdo meia leca pé descalço
come dorme acorda chora
por vezes
olha para mim como se não me conhecesse
e realmente tem razão
ele não me conhece
eu não o conheço
sei o seu nome e mesmo assim esqueço-me
(...)
o meu filho coitado
muito bezerro leitão cachorro
encolhido assustado contrariado
não quis bater palmas
não quis soprar as velas
não quis comer o bolo
não faz mal
disse-lhe eu
mais fica
comi eu o bolo
bati eu as palmas
soprei eu as velas
(...)
à espera à espreita às escuras
muitas horas vários dias
cheia de perguntas simples difíceis sem resposta

por exemplo
porquê como quando onde e também
quanto tempo
quanto sangue
quanta dor
e acima de tudo quem
ou melhor
o quê
exatamente o quê
(...)
oxalá não venha aí uma guerra
enquanto eu cá estiver
enquanto eles cá estiverem
e nisto sinto um medo qualquer
a entrar no meu corpo
a descer pela traqueia
a penetrar os pulmões
o medo como uma doença um vírus
um animal mamífero
o medo de todas as mães de perderem os filhos
(...)
ó mãe natureza
a mim não me custa ser mulher fêmea madame
a mim custa-me à brava ser mãe
logo eu que até sou feita de vento e fúria
que nem sequer tinha medo do lobo mau
(...)
oxalá não morram
antes de tempo
antes de tudo
antes de mim – *Fósforo*, Ana Pessoa

Puzzle

Após reunir todos os textos/poemas, apresentei a ideia ao meu amigo e colega de trabalho, Paulo Gonçalves. Numa tarde, juntámo-nos em minha casa para criar uma sequência.

Visitámos em conjunto os momentos em que os poemas foram escritos, escavamos os seus sentidos, transformamos e manipulamos esses sentidos, de forma a criar uma linha que interligasse todas as interações presentes. Decidimos usar alguns dos poemas, apenas como base para uma construção coreográfica, permitindo explorar a presença corporal e esta ideia do que realmente é a dança. Procuramos que o movimento, que as interações corporais falassem por si. Assim como disse anteriormente, a escrita foi algo contínuo durante o processo criativo, desta forma, alguns dos poemas foram substituídos. Alguns dos poemas não fizeram mais parte da cena, e serviram apenas como base de construção para interligações entre os

fragmentos, ou como direções que nos levaram a descobrir novos caminhos.

“E não se trata, bem entendido, de pôr em cena diretamente ideias metafísicas, mas sim, de criar em torno destas ideias uma espécie de tentações, sucções de ar. E o humor com a sua anarquia, a poesia com o seu simbolismo e as suas imagens proporcionam-nos como que uma primeira noção dos meios de canalizar a tentação dessas ideias. (...) Entranha-se na sensibilidade. Pondo de lado as maneiras ocidentais de utilizar a fala, transforma as palavras em sortilégios. Dá maior amplitude à voz. Tira partido das vibrações e das qualidades da voz. Dá aos ritmos uma imensa trepidação. Martela os sons.” Antonin Artaud, *O Teatro e o Seu Duplo* (p. 111).

As coreografias e o alemão

“Compõe o seu próprio poema com os elementos do poema que tem à sua frente.” *O Espetador Emancipado*, (p. 20)

As coreografias surgiram nesta busca de formas de expressão. Há sítios no corpo em que sentimos as coisas, em que as coisas se fazem sentir. O diálogo une o corpo, o monólogo interior transforma o corpo e leva-nos às formas mais primitivas, ultrapassa as intenções racionalizadas, as movimentações, a forma, o estado do corpo. Como tentativa de desbloquear estes corpos que não dançam, dançamos. Primeiramente, usamos partes dos poemas como base, construir em cima das palavras.

O início do exercício foi com as quatro posições da cadeira, que descrevi anteriormente. Este exercício, a meu ver, é uma apresentação do tema que iria ser retratado, na maneira como os nossos corpos abordavam as quatro posições da cadeira, as diferentes nuances e intensidades. Esta primeira coreografia é um resumo do próprio exercício.

Na coreografia seguida do primeiro poema, a ideia era transformar a cadeira em corpos – quem é o Xavier? Quem és tu? Que tipo de relação eu tenho com o espaço? Que tipo de relação eu tenho com o outro? Sendo ele outro corpo cénico ou sendo ele observador ativo. Surge como uma segunda apresentação das diferentes abordagens corporais enquanto Eu, e apresenta já uma interação dos dois corpos, que se descubrem no espaço.

A terceira coreografia apresenta a sensualidade, o corpo que através dos movimentos que se disponibiliza a receber o outro corpo. O contacto físico que obriga a que os corpos dançam. A dança dos pássaros. A sedução, a sensualidade, o desejo, o físico, o sexo.

A quarta coreografia une-se ao texto e é totalmente improvisada. Num texto que nos fala sobre sofrer de preconceito, sobre reivindicar possibilidades e o direito à existência pacífica, sobre confrontar o que nos é negado por direito, o nosso corpo traduziu-se em movimentações fortes, em passos largos e afirmativos, que se deu através da energia e intenção que os corpos carregavam. Cada corpo tinha um objetivo – chegar até ao candeeiro e apagar a luz – e o caminho não estava traçado,

o caminho tinha de ser sentido.

Na última coreografia, o meu corpo recebe os sussurros do corpo que corre pelo círculo como um pensamento intrusivo. Exaustão psicológica. As vozes interiores, o desgaste dos dias, o desgaste das conexões, o desejo de sair daquele lugar ou estado. O corpo reage com movimentos repetitivos, usa o espaço exterior para tentar escapar ao espaço interior. Até um de nós não aguentar mais – foi o que foi combinado.

Usei, como referência, o método *devising*, que exploramos com a professora Claire Binyon no primeiro ano de mestrado. O exercício onde exploramos um mapa mental pelo espaço, representando os seus lugares e emoções simplesmente pela expressão corporal ou sons.

A música, original de Jorge César Galvão Santos, aliou-se por completo ao que os corpos viviam e ambos se apoiaram um no outro. O corpo na música e a música no corpo:

“(...) estes movimentos singulares ou de conjunto, cujas inúmeras significações constituem parte importante da linguagem concreta do teatro; gestos evocadores, atitudes emotivas ou arbitrarias, martelar enlouquecido dos ritmos e dos sons, desdobrar-se-ão, multiplicar-se-ão em gestos e atitudes reflexos, constituídos pela acumulação confusa de todas as atitudes frustradas, de todos os lapsos do espírito e da língua, através dos quais se manifesta o que se poderia chamar as impotências da fala (...)” *O Teatro e o Seu Duplo*, Antonin Artaud, (p. 116)

Na parte em que seria declamado um poema de amor, quis encontrar outra forma de comunicação. Tendo em conta os exercícios do Workshop acima referido, lembrei-me de que seria interessante ter o poema declamado em outra língua. Poderia ser entendido por alguém, ou não. Eu sabia que eu não iria entender. Falei com a Maike e expus o meu interesse. Marcamos um encontro na sala e nesse momento apercebi-me que, aquela era também outra forma de conexão com o outro. Decidi então, que o meu poema seria anulado e que apenas lhe explicaria a minha intenção. Apresentei-lhe o momento e o Xavier e permiti que ela própria recebesse isso da forma que ela vive, que ela sente e, que ela experiencia o Xavier na vida dela. Eu nunca soube o que ela disse, posso apenas imaginar. A Maike só viu o exercício no próprio dia de apresentação, combinamos em pouco tempo o momento em que ela iria intervir e deixamos que o resto viesse em forma de surpresa, para os dois.

Uma forma de comunicação aberta a todas as possibilidades, aberta a toda a imaginação e sensibilidade. Aberta à liberdade de expressão e da voz. Estou certo de que todos os presentes sentiram o poema, de diferentes formas ilusórias ou imaginárias ou concretas.

“Quanto ao resto, há que encontrar novos meios de anotar esta linguagem, quer sejam meios que se aparentem com os da transição musical, quer se utilize uma espécie de linguagem cifrada.” – *O Teatro e o Seu Duplo*, Antonin Artaud, (p. 115)

Cenário

O círculo - O público em círculo foi um ponto de partida, pegando em todas as influências anteriormente referidas, não me fazia sentido que a forma fosse outra senão essa. Desta forma, o público seria empurrado para esta proximidade, esta visão ampla, este sentimento de encontro e pertença. Uma espécie de culto.

“Deverá ser desapossado desse domínio ilusório e arrastado para dentro do círculo mágico da ação teatral onde trocará o privilégio do observador racional pelo de um ser na posse das suas energias vitais integrais.” – *O Espetador Emancipado*, Jacques Ranciere, (p. 9)

“Será contudo reservado um espaço central que, sem propriamente servir de palco, permitirá que o corpo da ação se reúna e se conjugue, todas as vezes que for necessário.” – Antonin Artaud, *O Teatro e o Seu Duplo*, (p. 119)

Luz – Quis que a luz fosse tão intimista e privada como o exercício. As emoções, sejam as mais leves ou as mais densas, pertencem todas ao nosso íntimo, e o nosso íntimo é, de certa forma, o nosso privado, o nosso sensível. Este cenário lembra um quarto, não lembra? A privacidade de um quarto, seja ele qual for, e com que idade o ocupamos, mas este vulcão interior surge mais abruptamente aquando sozinhos. Talvez, num quarto? As duas luzes laterais, eram dois candeeiros de mesinha de cabeceira. Num dos lados, havia uma mesa pequena, onde haviam sido guardados comprimidos e uma faca, que também me transporta para uma ideia de casa. São utensílios que normalmente guardamos em casa.

Havia a luz central, agarrada à mesa do som. Era, sem dúvida, uma luz de secretária. E a luz de secretária remeteu-me para a escrita, para quando esse vulcão entra em erupção e a lava tem de escorrer para algum lado. Visto que este exercício foi feito de poemas, de mensagens, fez-me sentido que a luz da secretária estivesse presente.

“(…) há que procurar efeitos de vibrações luminosas, novas maneiras de espalhar a iluminação em ondas, ou em curvas de luz (…)” *O Teatro e o Seu Duplo*, Antonin Artaud, (p. 117)

O charriot, que mais tarde foi eliminado do exercício, serviu inicialmente para que as personagens pudessem transitar entre os fragmentos. Havia sido pensadas 3 mudanças de roupa, onde a linha lógica impactava, e desta forma, fosse demonstrado que havíamos saltado para outra emoção. Com o decorrer dos ensaios, e após o *feedback* dos orientadores, decidimos experimentar o decorrer dos fragmentos sem interrupções de vestuário, exceto a troca para as saias. Desta forma, decidimos cortar.

Mesa de som – a sonoplastia fez também parte do círculo, de forma a incluir todos os corpos, e todos acessórios, necessidades da cena que seriam abarcados no exercício, porque nenhum corpo era menos Xavier.

Figurinos

“Fazemos descalços” - eu disse. Estar descalço significa, para mim, estar bem consciente do lugar que pisamos, das intenções que trazemos conosco e do lugar de responsabilidade que arcamos, ao ocupar esse espaço.

As calças, cortadas no fundo, simboliza uma espécie de revolta, uma simplicidade, uma desmaterialização, uma não importância aos trapos. Aqui, é sobre o interior. O colarinho e a camisola – o colarinho pertencia à camisola, foi cortada na tentativa de mutar a camisola. Uma transformação. Para a cena, serviu como elo que conecta os dois corpos.

A saia – A saia representa a fluidez que ainda tentamos invisibilizar. O gênero, as categorizações que precisam de corrompidas. Representam os trapos que ainda hoje são categorizados pelas normas de gêneros, que são proibidos ou sujeitos a preconceito dependendo do corpo que veste. Nisto, encontrei-me e levo como grande referência à artista Arca, mulher transexual, que explora uma libertação corporal, e na sua música e vídeos, segue uma linha de descobrimento e expansão de identidade, e por consequência, uma exploração da sua própria imagem e apresentação visual/estética.

O nome e o cartaz

O corpo dentro do corpo está segue com uma seta que nos leva de volta ao *Dentro do corpo está* criando um *loop*. Desta forma, reivindico esta ideia de ciclo, que só termina quando o leitor decide acabar de ler. O primeiro cartaz é uma colagem feita por mim, que inclui elementos que considero importantes no desenvolvimento do exercício.

“No tempo do surrealismo, este procedimento serviu para manifestar, numa época dominada pelo prosaísmo do cotidiano burguês, a realidade reprimida do desejo e do sonho.” – Jacques Rancière, *O Espetador Emancipado*, (p. 40)

Posteriormente, em conjunto com a Ana Santos, desenvolvemos um outro cartaz que seria esteticamente mais limpo. Para mim, foi importante estas duas presenças e nuances de experimentação, porque existem, porque são válidas, porque nada tem de ser apenas uma só coisa, ou encaixado num só estilo.

Perspetivas dos observadores | A colisão

Chegado à parte mais funda deste exercício. Uma viagem mergulhada nos interiores, nos íntimos, nas privacidades. De que me serve a arte se não for íntima, aberta a todos os corpos, existências, problemas, possibilidades, reticências.

Apresentamos o exercício dia 3 e 4 de Julho, na sala 213 da ESMAE. Dia 3, ensaio geral aberto às 17h, estreia às 21h. Dia 4 às 17h.

Senti que ao longo dos meses de trabalho para este exercício final, o meu íntimo tornou-se também o íntimo dos que me acompanhavam, nomeadamente do Paulo Gonçalves e da Ana Santos. Eles procuraram comigo perceber todas as intenções das minhas palavras, dos lugares e espaços que eu encontrei ao escrever e, dessa forma, ajudar-me a abrir caminhos e novas perspetivas. A dado momento, os três conheciam tão bem o Xavier como eu.

As ideias fluíam, exageravam-se e limpavam-se, com uma entreajuda.

Para mim, foi desafiante encenar o exercício em que também fui ator, numa tentativa de me encenar, conseguir olhar de fora mas, deixar-me ser ator e parar de olhar para mim.

Na primeira apresentação ao público, no ensaio aberto,

A energia estava tão presente como nós. As intenções como facas, preparadas a espetar na invisibilidade densa que o espaço criou.

Durante as apresentações criamos conexões, e senti os observadores (nós e os outros) a interligarem-se com as cenas, entre olhares arregalados, lágrimas, sorrisos. Fiquei convencido de que a intimidade e as possibilidades cumpriram a sua missão e retornaram a casa, seguras e acolhidas.

O feedback dos observadores, público no final de cada apresentação foi caloroso.

Apontamentos, reflexões conjuntas, observações de perspetivas.

Foi sentido, e se foi sentido, que mais há a dizer?

BIBLIOGRAFIA

- Pessoa, Ana (2021), *Fósforo*, elementário;
- Artaud, Antonin (s.d), *O teatro e seu duplo*, Maldoror;
- Bauman, Zygmunt, (2003), *Amor Líquido*, Relógio D'Água
- Dufourmantelle, A. & Derrida, Jacques, (2019), *Da Hospitalidade*, Palimage
- Ranciere, Jacques (2022). *O Espectador Emancipado*, Orfeu Negro 2ª edição;
- Han, Byung-Chul, (2010), *A Sociedade do Cansaço*, Relógio D'Água
- Tempest, Kae (2020), *On connection*, Faber & Faber Limited Bloomsbury House
- Warhol Andy (s.d), *Fame*, Penguin Books;

ANEXOS

ANEXO 1 IMAGENS

Imagem 1 – Estudo e interligação dos poemas a serem trabalhados em cena

Imagem 2 – Ensaio de corpo no espaço

Imagem 3 – Primeiro ensaio com as saias

Imagem 4 – Ensaio no espaço da coreografia das quatro posições das cadeiras

Imagem 5 – Ensaio do poema conjunto rotativo

Imagem 6 – Ensaio da posição que daria entrada ao poema da Maike

Imagem 7 – Ensaio do conflito

Imagem 8 – Ensaio do encontro

Imagem 9 – Primeiro cartaz a ser divulgado

Imagem 10 – Segundo cartaz a ser divulgado

Imagem 11 – Folha de sala

Imagem 12 – Folha de sala

Imagem 13 – Disposição da sala no dia de estreia

Imagem 14 – Disposição da sala no dia de estreia

Imagem 1

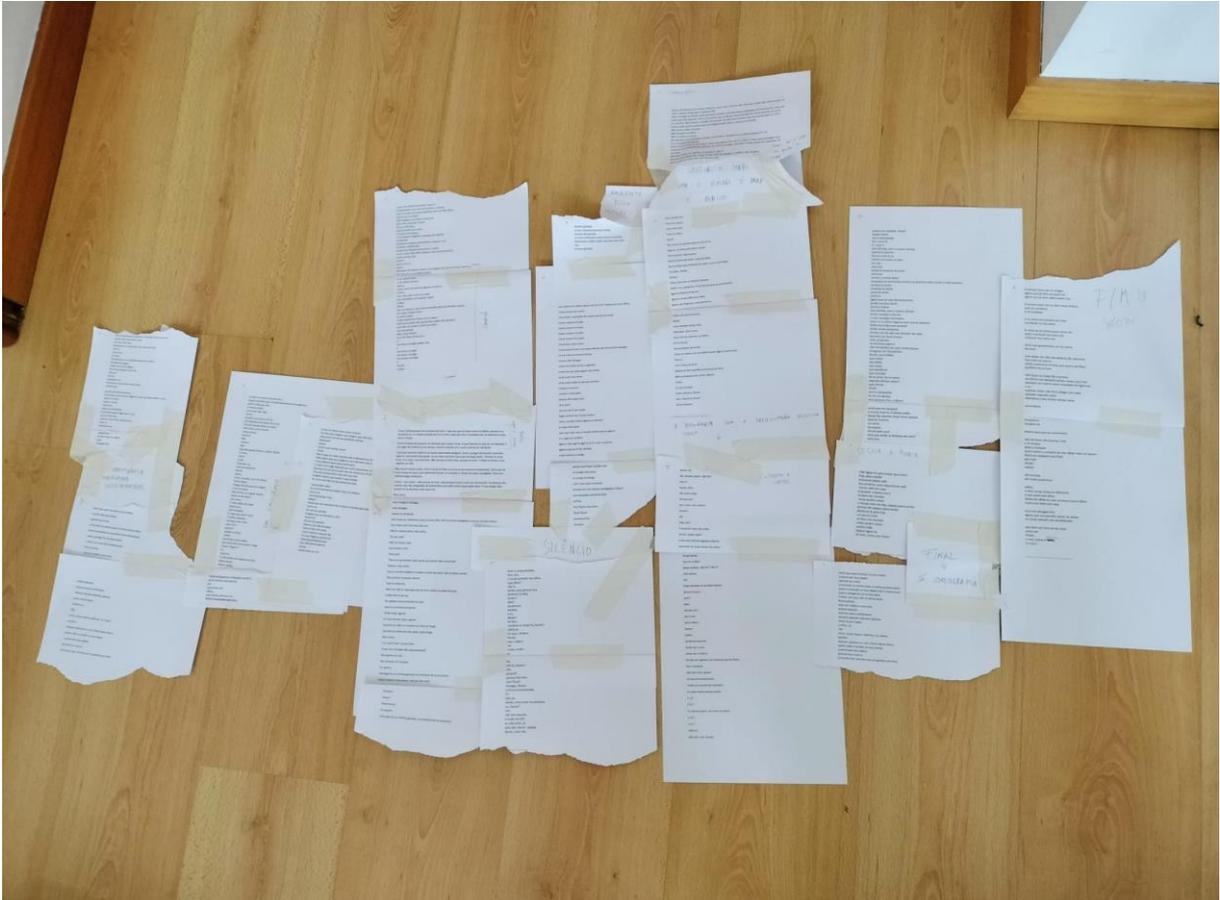


Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10

ESMAE ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO

P. PORTO

3 | 4 DE JUNHO 21h | 17h

O Corpo
Dentro Do Corpo
Está

Entrada Gratuita

Imagem 11

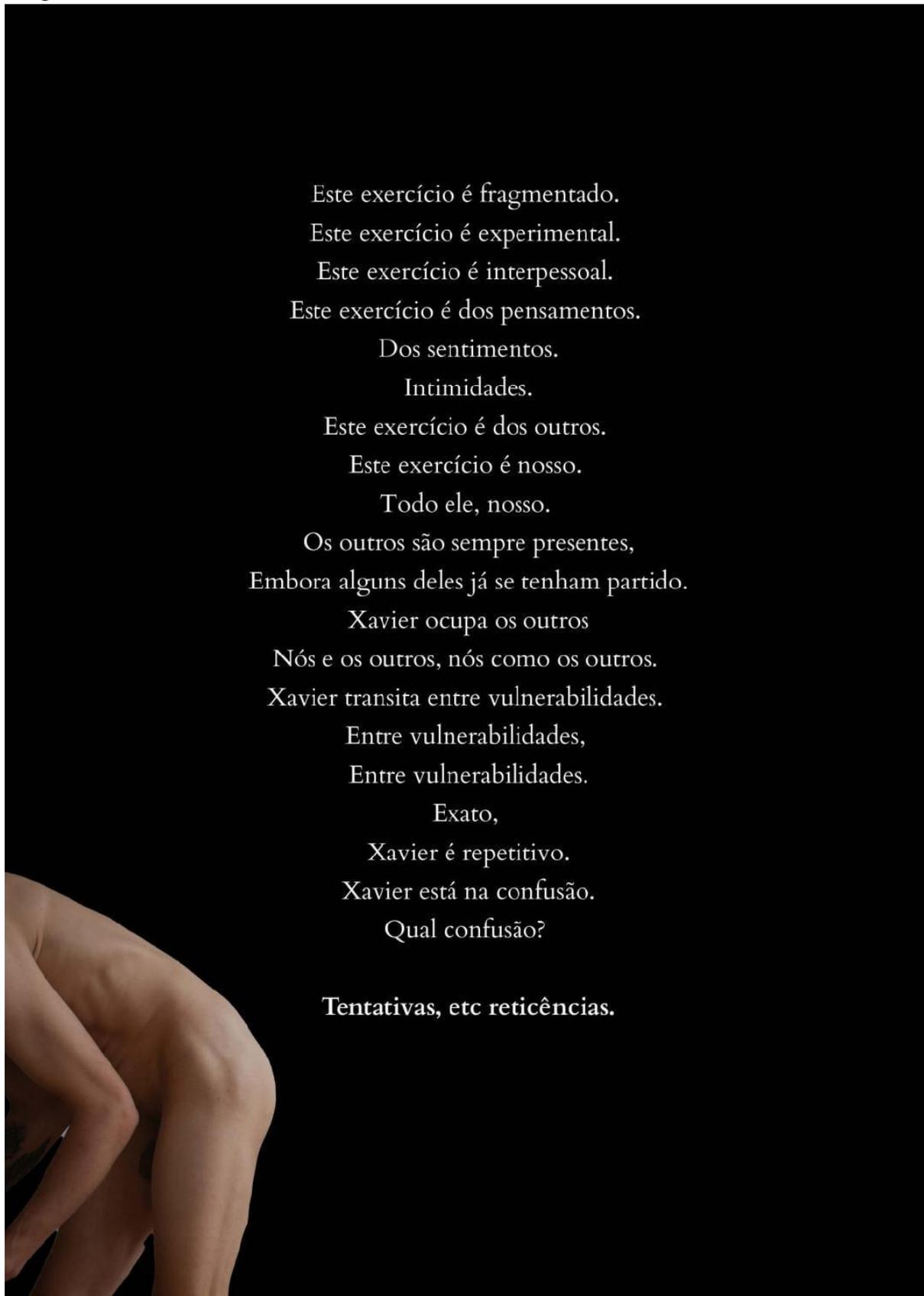


Imagem 12

Ficha Artística

Interpretação

Fábio Galvão, Paulo Gonçalves, Maike Obrecht

Texto | Encenação

Fábio Galvão

Música

Jorge Galvão Santos (*Música do EP de Agent of Chaos*)

Crystal Castles - Intimate

Sonoplastia | Assistência de Produção

Ana Galvão Santos



Agradecimentos

Nuno Meireles

Claire Binyon

Cláudia Marisa

Fábio Rocha

O Corpo
Dentro Do Corpo
Está

ESMAE ESCOLA SUPERIOR
DE MÚSICA E ARTES
DO ESPETÁCULO

P. PORTO

Imagem 12



Imagem 13



O corpo dentro do corpo está

Fábio André Galvão Alves

Segue o link da página de Instagram onde foi publicado o vídeo promocional: [@projetoxavi.r](#)

ANEXO 2 POEMAS

Os poemas sem manipulações cénicas:

Espaços vazios

Há um poema em constante mutação dentro do meu
ainda não encontrei o meu
sei que este meu
desaparece e volta bem no centro do meu
do teu
risca essa.
do meu
há palavras em procissão dentro da minha
há palavras gagas
colam-se me na língua
há um português incorreto
riem-se
há um
esquecem-se
há tantos meus dentro dos meus
reticências
pausa para pensamentos
há sempre uma crítica a alguma coisa mal feita sobre o meu
sobre a minha
sobre a nossa
risca essa.
sobre as reticências
há sempre quem diga que o meu
nunca será meu
é certo, está certo, ficará certo.
riem-se
esquecem-se
seguem-se

A ir-se

sinto que quero lambe os teus dedos
a ponta dos teus dedos
apontá-los a mim
e encostar na minha testa a minha própria saliva
quero comandar os teus dedos até à minha boca
quero esfregá-los na minha testa
e fazer com que não te desvaneças.
Numa janela,
vejo um cabelo e uma saia,
ambos abanam
está um vento confortável
abanam abanam abanam abanam
estou cá por baixo,
a olhar, só.
não
estou cá por baixo a admirar. te, talvez.
pacífico

abanam abanam e o teu cheiro desce desce
quero subir e lambar os teus dedos
a ponta dos teus dedos
apontá-los a mim e
já escrevi isto, era isto que eu gostava de fazer.

Sem título

Existe um Xavier para quem escrevo
Dei-lhe uma imagem que imagino que não seja a dele.
Esquecera-me da sua existência até que
Relembrei
Existiu
Espero que existas, Xavier
Ainda
Bem longe de todos aqueles que te deixaram as mãos penduradas ao vento
Mal sabem eles que imagino a tua mão bem mais suave
O teu silêncio bem mais confortável
E tenho uma vaga ideia de que nunca apressavas o passo
Baixavas-te um pouco para não me romperes o braço
Eras alto estavas bem mais alto que eles
Imagino espero que ainda o sejas estejas
De certo que não me reconhecerias hoje,
Talvez pelas mãos
Se nos encontrarmos espero ficar em silêncio
Outra vez
Falo demasiado, hoje
Sabias?
Desde que me lembrei de ti tenho-te levado pela mão
Outra vez
De vez em quando
Imagino que me levarias a mim
Outra vez
De vez em quando
Mesmo que não levasses
Vamos fazer de conta
Como fizemos naquele dia
Em que fingimos pertencer
Sabendo perfeitamente
Que não pertencíamos.
Xavier,
ainda estás por aí?

confronto do corpo ao preconceito

Tem estado frio
Leva um casaco
Leva mais este
Leva-os todos,
Xavier
Nas costas ou pendurados à cintura ou
Alguns, vai deixando pelos muros

Para quando regressares
Nunca deixes de saber o que já sabes
Nunca finjas que deixaste de saber o que tu já sabes
Tu sabes, Xavier
abraça
Sabes que eles te despem sempre
Xavier, vou perguntar-te se queres que te acompanhe.
Agora é diferente Xavier,
Agora o nosso silêncio é sábio.
Agora não fingimos mais pertencer,
Onde não pertencemos.
Xavier
Leva também estas lutas
Desculpa, estas lutas
para quando partires os vidros
Entra Xavier
Nunca deixes de entrar
Parte-os todos, e se no chão houver algum maiorzinho
Pisa-os
Usa a força da fúria
Sabem lá eles a potência da força da fúria
Não te esqueças de correr, depois
Corre.
Eu vou lá estar.
Estou sempre, Xavier
Sim, mesmo à chuva.
Estou sempre.

A escrever o poema

Fumo. Ultimamente vivo cercado de fumo. Cada vez que te coloco entre os lábios, acendo-te e encontro-te. E a chama acende-te a ti e a mim. Sobe por mim. Incendeia-me, ou queria eu que assim o fosse.
Como se fosse ao encontro da fantasia que é real e irreal. A que fizemos e a que eu vou fazendo. É um lugar de conforto o teu abraço, mesmo quando és tu quem precisa ser abraçado.
Sinto que escrever sobre ti se tornou demasiado perigoso. Senti o perigo mal escrevi a primeira palavra. Escreverei mais ainda. Se me fazes escrever é porque me fazes sentir. Chamar-te-ei de amor, em tudo o que escrever. Não porque te amo mas, porque és amor. E todos te amam, e por orgulho, eu não.
Não houve tempo ainda. Como nunca há. Mas eu sinto-te em minutos multiplicados. Sinto que há mais tempo do que o que realmente houve. Eu inventei-o. Deixa-me estar, sossegado. Estou em desassossego constante.
Usarei - meu amor - não porque és meu, mas porque é para ti que vou escrevendo. As palavras são minhas mas são projetadas de sentimentos que vêm como causa-efeito de ti. É uma dupla. Meu porque eu te escrevo, amor que o és.
Meu amor,
Que navegues devagar,
mais devagar,
Espero-te presente.
Que ouças as conversas e que os teus olhos não se sintam obrigados a ver um mundo inteiro.
Que vejas uma coisa de cada vez.
Não te canses tanto, meu amor,
De que vale?
Não há tempo mas,

para quem o há?
Para quê?
"Para eu concretizar tudo aquilo que ainda não concretizei".
Respira, meu amor,
Que os sonhos abafam e matam a alma de quem não se deixa sonhar.
Para sonhar é preciso dormir.
Que os alcances,
Mas que não te esqueças que és só tu quem os pode alcançar,
Então não te percas,
Na rapidez descontrolada da vida,
Que te encontres presente.
Onde estás, agora?
Em que tempo vives, agora?
Quando as mãos te tremem eu sinto-te longe.
Quando te sentas ao meu lado, estás longe.
Meu amor,
E eu quero sair e quero ficar.
O que tem tornado tão inaproximável?
Tão aberto em dar,
Tão fechado em receber.
Eu espero,
Desorganizo as minhas gavetas na tentativa de te encontrar.
(Aqui estaria o meu amor, mas ele não veio)
Já foste?
Assim?
Retornarás?
Eu espero.
Desorganizo as minhas gavetas, na tentativa de te encontrar.

Sem título

árvores grandes
o meu miserável pescoço inclina
árvores tão grandes
os meus miseráveis olhos focam e inclinam
baixo baixo médio médio alto alto mais mais
isso
árvores grandes

Sem título

conheci um Xavier através de ti,
duplos sentidos que inconscientemente se conjugaram,
senti a mão aos dois,
a mesma mão?
sinto que não. não.
Xavier,
escolhi continuar a ver-te,
na esperança de deixar de te ver.
Quando passas fecho os olhos,
olho para outros outras

coisas coisas
Fechas?
Não.
Tentas?
Não.
Quando passas fecho os olhos, Xavier.
Vi tudo.
Viste?
Tudo.
Já sei de cor,
essa tua dinâmica.
Xavier,
adeus.
Estou cansado, vou-me deitar.
Tenho febre.
Chega-me isso para eu engolir,
A ver se passa.
Não partas, eu engulo inteiro.
Deixa-te de coisas,
que coisa.
É tudo sobre um vazio.
Sobre uma
mal estudada.
O novo que não é novo.
É velho, cansado,
começa a ser triste,
para mim,
para ti?
deixam-se ficar.
ainda.
escondem-se as mãos.
Que só é novo para quem chega.
Quem chegou?
Eu.
Foste tu.
É tudo sobre um espaço enorme,
denso tenso.
Xavier, adeus.
Tenho mil poemas a despedir-me de ti,
vai lá embora, de uma vez
por
uma única vez.
Adeus,
pela última primeira vez.
Nunca se percebe nada disto.

Sem título

suar abaixo do soalho abaixo do teu amor abaixo dos teus olhos
chove chove meu amor,
trinca bem a sensação de chover que já vem mais
espera espera coração
espera espera coração

espera espera coração
chove chove meu amor
trinca bem essa nuvem
trinca bemmmmm com esses dentes que ela escorre devagar
trinca e fala ao mesmo tempo
trinca e fala devagar
conta-me todos os teus segredos
conta-me por quais águas vais andar
anda anda meu amor
anda anda senão as pernas morrem
incham e morrem
incham e desmaiam
depois não andas mais
meu amor
que era de ti sem andar,
foges sempre do mundo inteiro
mas o mundo inteiro agarra-te sempre
eu vejo meu amor
vejo vejo vejo vejo o mundo inteiro que te agarra
e tu agarras também
agarra tudo agarra agarra se é o que tu queres
agarra tudo se te faz sentido
ando histérico contigo
pensei que fosse contigo mas
é comigo meu amor
é comigo é comigo
comi uma sopa e acalmei
envolvi-me nas mantas sossegadas e fiquei
que sensação sufocante ficar
só ficar
mas fiquei meu amor
fiquei fiquei
precisava ficar
cá estou.

Fabimàchuva

a chuva dói.
Logo hoje,
disse-me o outro,
a chuva faz doer.
Faz doer,
as minhas pernas.
Abre a boca,
disse-me o outro.
Há que aproveitar.
As pernas perfuradas,
os pelos já caídos,
nas poças,
nos pingos,
nesses todos.
as pernas avermelhadas,
com uns buracos,
onde a chuva entra,

limpa o sangue,
trá-lo para fora,
e ele corre para as poças contamina os pingos inflama as
as
vistas.
eles têm medo do sangue,
fogem do sangue.
Esquecem que a chuva dói.
Foge lá dentro,
cá fora a chuva dói.
Já estou deitado,
o osso corroído
o osso esmigalhado,
o osso espatifado espatifado espatifado
A chuva dói,
A dor traz-me a raiva aos ossos
Ossos corroídos esmigalhados espatifados espatifados espatifados
QUERO-ME RIR
da desgraçaAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA.
Olha tu,
Agora gritarei em minúsculas,
olha tu, pá ó olha.
vão-se embora,
ninguém quer estar à chuva. a chuva dói.
já estou sem pernas.
perfurou, perfurou,
se é isso que estás a pensar.
perfurou.
mãe, ajuda-me mãe.
ninguém me ensinou,
Eles não me ensinaram nada disto.
mãe, ajuda-me mãe. tira-me daqui.
mãe, contigo eu choro,
tem que ser. tem de ser. se não for contigo não é com ninguém.
mão, por favor anda volta.
eles não me ensinaram isto.
eles não me ensinaram nada.
vou fumar, aproveitar para usar as mãos, fuma tu também,
fuma aqui deste cigarro que eu babei,
que eu babo,
que eu cuspo,
fuma aqui deste cigarRO
grito agora
fuma aqui deste cigarroooooooooo. estouvado.
lá aprenderei sozinho
Estas são as coisas que ninguém ensina
não há como ensinar.
a chuva doeu.
agora tirei o meu corpo tapete e já não tem o de cair em mim.
a chuva doeu.
muito.
relembrei a dor se voltar a ter cabeça.

Telefonema

mãe liguei-te para avisar que morri
hoje pela manhã
enquanto bebia café
ela comprou uma máquina de café
temos café em casa
enquanto o bebia morri
se bem me recordo
umas quatro vezes
o tempo nem me deu espaço para contar
preciso de espaço para contar
afasta-te lá para trás
um pouco mais
se bem me recordo
umas quatro vezes
quatro mãe
depois liguei-te
já viste, como sou forte?

O quadro

tens o corpo pintado.
tens sim,
o corpo pintado nos sítios.
que sítios?

não vi.
tenho uma pintura tua,
lembras-te dela,
Xavier?
dela?
da pintura.
lembro,
e tu,
Xavier?
lembro.
Lembras-te onde foi, Xavier?
silêncios.
foi aqui, vê bem.
Xavier,
aqui. sabes?
sei.

onde, então?
aí.
foi.
dói-te, Xavier?
dói.
porquê?
porque lhe toco.
com força?
devagar, Xavier.
a força é propositada,
é?
não sei.
Xavier, toca onde me pintaste.
eu, Xavier?
sim.
não me recordo.
é onde me dói.
eu não sinto. pl
pois não, Xavier. ppppp
Xavier, pois não.

Olá, desconhecido

é sempre bom ver-te chegar,
agora que já nem sei quem és
agora que já nem sabes quem sou

é sempre bom ver-te abrir esses braços
que me acolhem
e me aceitam

e eu sinto-me sempre em casa
encolhido no teu peito

é como se te conhecesse outra vez
quero conhecer-te outra vez
conhece-me outra vez

sinto que gostaremos um do outro,
de novo

mas desta vez não vás embora tão depressa
fica mais um pouco

tenho aventuras minhas que quero partilhar
partilha-me as tuas

não faças as malas tão à pressa
da última vez deixaste tantas coisas para trás
deixaste um quarto vazio inundado de lágrimas
e eu
quantas vezes não lá fui afogar-me nelas
sentado naquele vazio
relembrei o teu sorriso tantas vezes

vai embora,
recupera-o
recupera-te

estarei aqui para te reconhecer.

não me leves até à porta, hoje
e se lewares
deixa-a fechada
quero sentir o conforto do teu olhar mais um pouco
desta vez deixemo-nos ficar
por mais
tempo
espaço

sem pressa,
até onde quisermos

sabes,
o meu corpo mexe-se diferente
e uso cores nos olhos
deixa-me olhar-te com os meus novos olhos
nunca me viste com eles

toca-me devagarinho
agora que me permito sentir as coisas
as coisas deixam-me sensibilizado

que bom ser livre ao teu lado
outra vez
Prazer,
o meu nome é Fábio,
e o teu?

ANEXO 3 GUIÃO PROJETO FINAL DE MESTRADO

(ANA ENTRA, INICIA A MÚSICA - DANÇA DAS QUATRO POSIÇÕES DAS CADEIRAS)

Cena 1:

(Fábio)

Há um poema em constante mutação dentro do meu
ainda não encontrei o meu
sei que este meu
desaparece e volta bem no centro do meu
do teu
risca essa.
do meu
há palavras em procissão dentro da minha
há palavras gagas
colam-se me na língua
há um português incorreto
riem-se
há um
esquecem-se
há tantos meus dentro dos meus

(Paulo e Fábio sentados nas cadeiras, andam com as cadeiras e ficam frente a frente, sentados na mesma posição. Posição de quem está a pensar).

(Paulo)

esta é a pausa para pensamentos?

(Fábio)

É
há sempre uma crítica a alguma coisa mal feita sobre o meu
sobre a minha
sobre a nossa
risca.
sobre as reticências
há sempre quem diga que o meu
nunca será meu
é certo, está certo, ficará certo.
riem-se
esquecem-se
seguem-se

COREOGRAFIA - Encontros-desencontros, nós no espaço

(Paulo)

sinto que quero lambar os teus dedos

a ponta dos teus dedos
apontá-los a mim
e encostar na minha testa a minha própria saliva
quero comandar os teus dedos até à minha boca
quero esfregá-los na minha testa
e fazer com que não te desvaneças.
Numa janela,
vejo um cabelo e uma saia,
ambos abanam
está um vento confortável
abanam abanam abanam abanam
estou cá por baixo,
a olhar, só.
não
estou cá por baixo a admirar. te, talvez.
pacífico
abanam abanam e o teu cheiro desce desce

(Fábio)

quero subir e lamber os teus dedos
a ponta dos teus dedos
apontá-los a mim e

(Paulo)

já escreveste isso, Xavier

Cena 2:

Vitrine, montra. Rodam.

(Paulo)

Conheci um Xavier através de ti

(Fábio)

Existe um Xavier para quem escrevo

(Paulo)

Duplos sentidos que inconscientemente se conjugaram,
senti a mão aos dois,
a mesma mão?
Sinto que não.

(Fábio)

Dei-lhe uma imagem que imagino que não seja a dele.
Esquecera-me da sua existência até que

(Paulo)

Xavier, escolhi continuar a ver-te na esperança de deixar de te ver.

(Fábio)

Relembrei
Existiu

(Paulo)

Quando passas fecho os olhos, Xavier.
Olho para outros outras,
coisas coisas.

(Fábio)

Espero que existas, Xavier
Ainda

(Paulo)

Fechas?

(Fábio)

Bem longe de todos aqueles que te deixaram as mãos penduradas ao vento

(Paulo)

Não.
Tentas?

(Fábio)

Mal sabem eles que imagino a tua mão bem mais suave

(Paulo)

Não.

(Fábio)

O teu silêncio bem mais confortável

(Paulo)

Quando passas fecho os olhos, Xavier.

(Fábio)

E tenho uma vaga ideia de que nunca apressavas o passo

(Paulo)

Vi tudo.
Viste?
Tudo.

(Fábio)

Baixavas-te um pouco para não me romperes o braço

(Paulo)

Já sei de cor essa tua dinâmica.
Xavier, adeus.

(Fábio)

Eras alto estavas bem mais alto que eles
Imagino espero que ainda o sejas estejas

(Paulo)

Estou cansado, vou-me deitar.
Tenho febre.

(Fábio)

De certo que não me reconhecerias hoje,

(Paulo - Fábio pega numa faca e num comprimido em cena, parte-o e engole-o junto à mesa pequena)

Chega-me isso para eu engolir,
A ver se passa.
Não partes, eu engulo inteiro.

É tudo sobre um vazio.

(Fábio)

Talvez pelas mãos
Se nos encontrarmos espero ficar em silêncio
Outra vez

(Paulo)

Sobre uma ----
mal estudada

(Fábio)

Falo demasiado, hoje
Sabias?

(Paulo)

O novo que não é novo.
É velho, cansado
Começa a ser triste para mim,
para ti?

(Fábio)

Desde que me lembrei de ti tenho-te levado pela mão
Outra vez

(Paulo)

Deixam-se ficar.

Ainda.

Escodem-se as mãos.

(Fábio)

De vez em quando

Imagino que me levarias a mim

(Paulo)

Que só é novo para quem chega.

Quem chegou?

(Fábio)

Outra vez

(Paulo)

Eu.

(Fábio)

De vez em quando

(Paulo)

Foste tu.

(Fábio)

Mesmo que não levasses

Vamos fazer de conta.

(Paulo)

É tudo sobre um espaço enorme,
denso tenso.

(Fábio)

Como fizemos naquele dia

Em que fingimos pertencer

Sabendo perfeitamente

Que não pertencíamos.

(Paulo)

Xavier, adeus.

Tenho - números grandes (gesto coreografado, como se mandasse uma bola e o Fábio a comesse mastigasse e engolisse) - poemas que se despedem de ti.

Vai lá embora, de uma vez

por

uma única vez.

(Fábio)

Xavier

(Paulo)

Adeus, pela última primeira vez.

(Fábio)

Xavier?

(Paulo segue e troca o figurino, Fábio tenta encontrar Xavier, segue e troca de figurino - saias)

Cena 4

(Paulo)

O que me salva é escrever sobre ti
mergulhado num mar de anseios e alívios
num tornado de redescobertas que me dão febre
quem sou eu,
hoje?
não tropeço em pedra nenhuma
que nem caminho tenho
flutuo sob tudo
experimento um vazio
no vazio há espaço
e no espaço ninguém tropeça em pedras
tentativas
tentamos sempre preencher o vazio com
etc reticências
tentamos sempre preencher o vazio
e se o vazio não tiver espaços que se preencham
quem somos nós, vazios?
quem sou eu
vazio?

(Fábio)

Entra em cena e dirige-se ao Paulo.

Chamar-te-ei de amor, em tudo o que escrever. Não porque te amo mas, porque és amor. E todos te

amam, e por orgulho, eu não.

Não houve tempo ainda. Como nunca há. Mas eu sinto-te em minutos multiplicados. Sinto que há mais tempo do que o que realmente houve. Eu inventei-o. Deixa-me estar, sossegado. Estou em desassossego constante.

Usarei - meu amor - não porque és meu, mas porque é para ti que vou escrevendo. As palavras são minhas mas são projetadas de sentimentos que vêm como causa-efeito de ti. É uma dupla. Meu porque eu te escrevo, amor que o és.

O poema ficaria mais ou menos assim:

(Assumem as posições pensativas nas cadeiras, Maíke entra com o poema em alemão).

Cena 5

DISCO

(Fábio e Paulo)

Dança lenta sensual, beijo. Repetição de movimentos. O abandonar. Paulo no chão, Fábio no centro.

(Fábio)

a chuva dói.

Logo hoje,

disse-me o outro,

a chuva faz doer.

Faz doer,

as minhas pernas.

Abre a boca,

disse-me o outro.

Há que aproveitar.

As pernas perfuradas,

os pêlos já caídos,

nas poças,

nos pingos,

nesses todos.

as pernas avermelhadas,

com uns buracos,

onde a chuva entra,

limpa o sangue,

trá-lo para fora,

e ele corre para as poças contamina os pingos inflama as

as

vistas.
eles têm medo do sangue,
fogem do sangue.
Esquecem que a chuva dói.
Foge lá dentro,
cá fora a chuva dói.
Já estou deitado,
o osso corroído
o osso esmigalhado,
o osso espatifado espatifado espatifado
A chuva dói,
A dor traz-me a raiva aos ossos
Ossos corroídos esmigalhados espatifados espatifados espatifados
QUERO-ME RIR
da desgraçaAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA.
Olha tu,
Agora gritarei em minúsculas,
olha tu, pá ó olha.
vão-se embora,
ninguém quer estar à chuva. a chuva dói.
já estou sem pernas.
perfurou, perfurou,
se é isso que estás a pensar.
perfurou.
mãe, ajuda-me mãe.
ninguém me ensinou,
Eles não me ensinaram nada disto.
mãe, ajuda-me mãe. tira-me daqui.
mãe, contigo eu choro,
tem que ser. tem de ser. se não for contigo não é com ninguém.
mão, por favor anda volta.
eles não me ensinaram isto.
eles não me ensinaram nada.
vou fumar, aproveitar para usar as mãos, fuma tu também,
fuma aqui deste cigarro que eu babei,
que eu babo,
que eu cuspo,
fuma aqui deste cigarRO
grito agora
fuma aqui deste cigarroooooooooo. estouvado.
lá aprenderei sozinho
Estas são as coisas que ninguém ensina
não há como ensinar.
a chuva doeu.
agora com o meu corpo tapete corroído esmigalhado, já não tem onde me cair.

a chuva doeu.
muito.
relembrei a dor se voltar a ter cabeça.

ONDA de SILÊNCIO.

(Fábio)

tens o corpo pintado.
tens sim,
o corpo pintado nos sítios.
que sítios?

(Paulo)

não vi.

(Fábio)

tenho uma pintura tua,
lembras-te dela,
Xavier?

(Paulo)

dela?

(Fábio)

da pintura.

(Paulo)

lembro,
e tu,
Xavier?

(Fábio)

lembro.
Lembras-te onde foi, Xavier?
silêncios.
foi aqui, vê bem.
Xavier,
aqui. sabes?

(Paulo)

sei.

(Fábio)

onde, então?

(Paulo)

aí.

(Fábio)

foi.

(Paulo)

dói-te, Xavier?

(Fábio)

dói.

(Paulo)

porquê?

(Fábio)

porque lhe toco.

(Paulo)

com força?

(Fábio)

devagar, Xavier.

a força é propositada,

(Paulo)

é?

(Fábio)

não sei.

(Paulo)

Xavier, toca onde me pintaste.

(Fábio)

eu, Xavier?

(Paulo)

sim.

(Fábio)

não me recordo.

(Paulo)

é onde me dói.

(Fábio)

eu não sinto.

(Paulo)

pois não, Xavier.

(Fábio)

Xavier, pois não.

Cena 6

Corte. Objetivo: apagar os candeeiros. Corpo a sentir as palavras, movimentações ríspidas.

(Paulo)

Tem estado frio

(Fábio)

Leva um casaco

(Paulo)

Leva mais este

(Fábio)

Leva-os todos,

(Paulo)

Xavier

(Fábio)

Nas costas ou pendurados à cintura ou

(Paulo)

Alguns, vai deixando pelos muros

(Fábio)

Para quando regressares

(Paulo)

Nunca deixes de saber o que já sabes

(Fábio)

Nunca finjas que deixaste de saber o que tu já sabes

(Paulo)

Tu sabes, Xavier

(Fábio)

abraça

(Paulo)

Sabes que eles te despem sempre

(Fábio)

Xavier, vou perguntar-te se queres que te acompanhe.

(Paulo)

Agora é diferente Xavier,

(Fábio)

Agora o nosso silêncio é sábio.

(Paulo)

Agora não fingimos mais pertencer,

(Fábio)

Onde não pertencemos.

(Paulo)

Xavier

(Fábio)

Leva também estas lutas

(Paulo)

Desculpa, estas luvas

(Fábio)

para quando partires os vidros

(Paulo)

Entra Xavier

(Fábio)

Nunca deixes de entrar

(Paulo)

Parte-os todos, e se no chão houver algum maiorzinho

(Fábio)

Pisa-os

(Paulo)

Usa a força da fúria

(Fábio)

Sabem lá eles a potência da força da fúria

(Paulo)

Não te esqueças de correr, depois

(Fábio)

Corre.

(Paulo)

Eu vou lá estar.

Estou sempre, Xavier

(Fábio)

Sim, mesmo à chuva.

Estou sempre.

(Fábio no centro)

mãe liguei-te para avisar que morri
hoje pela manhã
enquanto bebia café
ela comprou uma máquina de café
temos café em casa
enquanto o bebia morri
se bem me recordo
umas quatro vezes
o tempo nem me deu espaço para contar
preciso de espaço para contar
afasta-te lá para trás
um pouco mais
se bem me recordo
umas quatro vezes
quatro mãe
depois liguei-te
já viste, como sou forte?

Coreografia – exaustão física e mental. Paulo acende a luz da sala quando não aguentar mais.

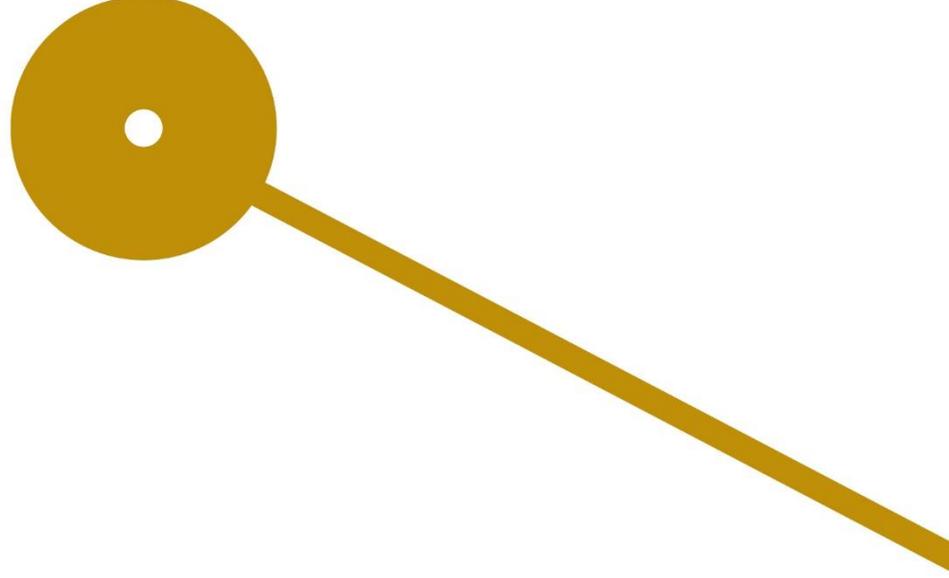
Fábio e Paulo direcionam-se ao público, intercalando-se.

é sempre bom ver-te chegar, Xavier
agora que já nem sei quem és
agora que já nem sabes quem sou
é sempre bom ver-te abrir esses braços
que me acolhem
e me aceitam
e eu sinto-me sempre em casa
encolhido no teu peito
é como se te conhecesse outra vez
quero conhecer-te outra vez
conhece-me outra vez
sinto que gostaremos um do outro,
de novo
mas desta vez não vás embora tão depressa
fica mais um pouco
tenho aventuras minhas que quero partilhar
partilha-me as tuas
não faças as malas tão à pressa
da última vez deixaste tantas coisas para trás
deixaste um quarto vazio inundado de lágrimas
e eu
quantas vezes não lá fui afogar-me nelas
sentado naquele vazio
relembrei o teu sorriso tantas vezes
vai embora,
recupera-o
recupera-te
estarei aqui para te reconhecer.
não me leves até à porta, hoje
e se lewares
deixa-a fechada
quero sentir o conforto do teu olhar mais um pouco
desta vez deixemo-nos ficar
por mais
tempo
espaço
sem pressa,
até onde quisermos
sabes,
o meu corpo mexe-se diferente
e uso cores nos olhos
deixa-me olhar-te com os meus novos olhos

nunca me viste com eles
toca-me devagarinho
agora que me permito sentir as coisas
as coisas deixam-me sensibilizado
que bom ser livre ao teu lado
outra vez
Prazer,
o meu nome é Xavier,
Xavier, e o teu?

ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO



M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

O corpo dentro do corpo está
Fábio André Galvão Alves